Pier Angeli



AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 11.º)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

PARA Pier Angeli até mesmo os dias sombrios são importantes, porque fazem com que os dias felizes sejam mais apreciados. Ela gosta de recordar o tempo em que reagia como uma criança nos dias desagradáveis. Fugia de todos e escondia a cabeça debaixo do travesseiro, não realizando nada do que era necessário fazer diàriamente, para a sua vida ter uma justificação completa.

Porque mais tarde pôde verificar que semelhante procedimento era errado, ela gosta hoje de contar a sua vida. Se ao menos uma pessoa das que a venham a conhecer realizar, influenciada pelo seu exemplo, as tarefas de cada dia rica e completamente, confiando no futuro, ela julgar-se-á largamente recompensada.

Para começar, torna-se necessário recuar até ao seu nascimento na Sardenha, a 19 de Junho. A sua família, composta pela mãe e o pai e duas irmãs, Marisa e ela, era muito feliz. Embora fossem muito parecidos, sentia-se, em relação ao pai, muito reservada. Riam com facilidade, e muito fàcilmente se sentiam encolerizados. Quando Marisa e ela tinham dois anos de idade, a família transferiu-se para Roma. Uma das imagens mais presentes da sua infância é o quarto que o pai, um arquitecto, tinha desenhado para ela, de cores alegres e com vasos de





As duas irmãs gémeas Pierangeli: Maria Luísa e Anna-Maria, aos oito anos de idade.

amores-perfeitos no peitoril das janelas e uma bola amarela suspensa do tecto.

Realmente, pai e filha tinham muitas características comuns, incluindo o gosto pelo futebol. Ambos apreciavam o jogo, e nos fins-de-semana resolviam ir incitar o clube de Roma.

Para Pier a escola nunca se revestiu de grande interesse, talvez por Marisa ser uma excelente estudante e ela desanimar fàcilmente. Em relação ao grego e ao latim era muito má aluna, e a álgebra, então, dava-lhe dores de cabeça. Sòmente gostava de poesia, música e arte. Por fim decidiu-se a submeter o problema à decisão do pai.

Encontrando-se uma tarde sòzinha com ele, declarou-lhe:

— Não quero voltar à escola.

— Porquê? — foi a resposta do pai.

— Porque eu não necessito do que lá ensinam para aquilo que quero ser na vida.

— E o que é que tu queres ser?

— Gostava de frequentar uma escola de arte e tornar-me uma decoradora de interiores.

Ela própria ficou surpreendida por não ser contrariada. Mas tudo se explicava, porque o pai gostava, em certa medida, da sua escolha. Ele ficou tão satisfeito com os progressos da filha que, no ano seguinte, a ocupou como sua colaboradora na decoração de um novo prédio de apartamentos que tinha desenhado, denominado «La Bonboniera». Foram alguns dias muito agitados. Juntos escolhiam tecidos, tintas e mobílias. Nunca pensou que essa colaboração seria a única que realizariam.

Sùbitamente, o destino encarregou-se de modificar toda a sua existência, quando, com uma rapariga amiga e absolutamente por acaso, visitava uma galeria de arte. Um realizador francês, após observá-la atentamente, dirigiu-lhe a palavra para saber se era actriz. Pier Angeli jamais tinha falado com um estranho e, ràpidamente, compreendendo isso, ele tirou um bilhete de visita da carteira e pediu-lhe que o entregasse a sua mãe. Ela assim fez.

Sua mãe, que tinha abandonado uma prometedora carreira no teatro quando casou com o pai, pensou que não deviam perder uma tão bela oportunidade. Decidiu, por isso, ir ela própria falar com o realizador Leonide Moguy. Este informou-a que procurava uma rapariga para interpretar a primeira figura num filme,



Anna Maria Pierangeli revelou desde muito cedo a sua afectuosa ternura pelos animais. Ei-la em dois significativos momentos da sua vida caseira.

«Amanhã será tarde», e pareceu-lhe que Pier Angeli poderia desempenhar esse papel. Contudo, antes dos testes cinematográficos, ela precisaria de frequentar um curso de preparação de seis meses. Em seguida realizaria os testes e, então, seria anunciado o resultado.

Vinte e quatro dias depois de ter feito o teste para «Amanhã será tarde», Pier anunciou o resultado. E estava tão contente que, durante algum tempo, se esqueceu do trabalho a realizar.

— Agora tu tens que lhe dizer — disse a mãe — que é necessário assinar contratos, cumprir formalidades legais.

A filha decidiu-se a dar a notícia no jantar dessa noite. Mas quando o momento se aproximou, ela não sabia como iniciar a tentativa. As palavras hesitavam na garganta. Nenhuma ideia surgia. Na sua carteira ela tinha três fotografias tiradas no estúdio. Pensou em mostrar-lhas. Em cada uma delas, tinha escrito antes: «Para o meu pai, que amo muito».

Quando estava a ser servido o café, ela foi ao seu quarto, retirou as fotografias da carteira e depositou-as nas mãos do pai. Este sorriu suavemente, mas depois o seu rosto modificou-se.

— Quem as tirou? — perguntou ele.

— Alguém — gaguejou ela.

— Mas quem? — disse ele, com uma voz de gelar.

Imediatamente o sonho se desmoronou quando ela contou o que se passava. O pai não voltou a dirigir-lhe a palavra. Durante três dias quase não se viram, e ela nunca tinha vivido dias tão sombrios como esses. Do estúdio telefonavam solicitando o contrato. Pier procurava esquecer tudo, mas o seu coração oscilava entre a sua nova vida que ela já amava e o amor de seu pai.

Por fim, decidiu-se a resolver o problema. Timidamente, procurou o pai no seu escritório. Ele sorriu quando a viu chegar junto de si. Juntos debateram o problema, tão calmamente como até aí sempre tinha acontecido. Ela disse-lhe quanto significava para si a arte de representar, lembrando que aquilo que ela gostaria de fazer devia ser-lhe permitido, mesmo admitindo que não passasse de uma tentativa. Talvez não fosse bem sucedida e, nesse caso, voltaria para a escola. Mas deixasse-a tentar a oportunidade. Por fim, ele consentiu.



De início, Pier ficou indiferente a essa proposta. «Eu quero ser uma decoradora de interiores e trabalhar com o pai», insistia ela. Mas a mãe achava que não devia perder semelhante oportunidade. Porque não havia de tentar? Se fosse bem sucedida, não necessitaria mais de voltar para a escola.

Pouco a pouco a ideia tornava-se mais atraente. A única coisa que ainda lhe desagradava era o facto de não terem contado ao pai o que se passava. Ambas sabiam que se o pusessem ao corrente de tudo, isso equivaleria a porem termo ao episódio. Por fim, decidiram só darem a notícia depois do resultado do teste.

Assim, Pier começou a preparar-se com Leonide Moguy. Dia a dia ela gostava mais de representar, mas, por outro lado, tornava-se crescente a dificuldade de fixar o pai, o que nunca tinha acontecido até aí.

— Vai correr tudo muito bem — assegurava a mãe. — Verás como o pai ficará feliz e orgulhoso, logo que tu triunfes. Verás como ficará contente, de modo algum zangado.

— Mas com uma condição — disse ele. — A tua mãe andará sempre contigo, mesmo quando fores ao cabeleireiro para arranjar os cabelos ou a uma casa de beleza. Sempre, até te casares.

Até os coelhos não escapam à ternura da doce Pier.

Nessa mesma noite, os contratos ficaram assinados. Ela sentiu então uma estranha sensação perante aquela folha de aspecto inofensivo mas que lhe tinha exigido os maiores sacrifícios.

Daí em diante, o seu propósito foi realizar-se como a mãe profetizava. As suas palavras: «Se triunfares, ele há-de gostar», soavam-lhe aos ouvidos de dia e de noite. Ela precisava de triunfar!

No Festival de Veneza, esse sonho ardente realizou-se. «Amanhã será tarde» foi premiado como o melhor filme, e ela foi considerada uma prometedora promessa. Tinha triunfado para o pai. O prémio da melhor actriz foi-lhe atribuído. Ficou muito orgulhosa, e não fez nenhum esforço para esconder o facto.

As dificuldades, entretanto, ainda não tinham aparecido. Elas chegaram quando recebeu um convite para rodar «Teresa» em Nova Iorque. De novo o pai recusou a autorização.



A jovem actriz italiana não deixa, pelo facto de ser casada e mãe, de se comportar como uma brincalhona de se lhe tirar o chapéu. Esta imagem mostra-nos Pier a ouvir uma gravação do diálogo com a alegria de uma criança diante de um brinquedo...

— Quero a minha família reunida — insistia ele.

— Mas a mãe iria comigo — argumentava ela.

Durante algumas semanas a resolução ficou em suspenso. Depois, uma manhã, o pai deu uma aprovação indirecta sobre o assunto, ao perguntar:

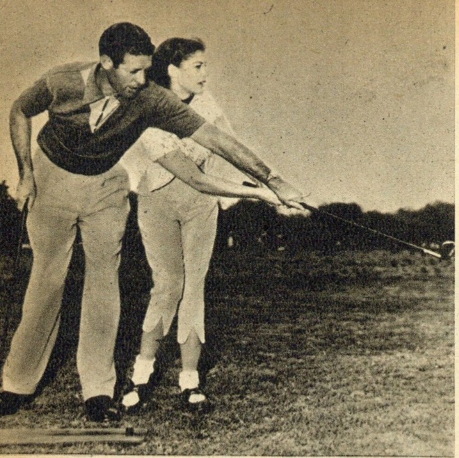
— Por quanto tempo irias?

— Três meses, respondeu ela.

Cumpridas as formalidades legais para assegurar-se realmente que a sua ausência não poderia exceder os três meses, a mãe e ela prepararam-se para a viagem. O dia da partida foi o mais negro da sua vida. O pai estava doente, em resultado da malária contraída durante o tempo em que realizara a drenagem dos paús da Sardenha. A avó dela tinha chegado para tomar conta dele e de Marisa. Demasiadamente doente para poder acompanhá-las ao aeroporto, quando a filha foi ao seu quarto dizer-lhe adeus, ele começou a chorar, o que nunca tinha feito até então. Nesse momento, ela amou-o ainda mais. Sempre tinha encontrado o pai pronto a reconfortá-la, mas então a situação invertera-se. A sua única preocupação era conter-se e conduzir-se de modo a não o deixar preocupado.

«Não demorarei muito tempo, paizinho», prometeu ela, «e escrever-lhe-ei todos os dias. Sem faltar um único dia».

Ela cumpriu a sua palavra. Não só escrevia mas também a mãe e ela falavam com ele pelo telefone. Como a saúde do pai melhorasse, a felicidade na sua nova tarefa aumentou. Por fim, a película foi



Uma «vedeta» que se preza não descura as práticas desportivas. Além de outros desportos, Pier pratica o «golf», que aprendeu com um dos principais campeões da modalidade na América: Bill Roberts.

dada por terminada e a mãe e ela tomaram lugar a bordo de um gigantesco avião prateado que, ràpidamente atravessando o Atlântico, os transportou para junto do pai.

Ao aproximarem-se do aeroporto, ela espreitou pela janela. Lá em baixo, muito distante, pôde ver pequeninos pontos, gente esperando a chegada do avião. Uma figura imprecisa mas muito familiar, surgiu-lhe procurando iludir a vigilância dos guardas, que não a deixavam aproximar-se demasiadamente da pista. Era o seu pai, e não queria acreditar que ele tão cumpridor e cortês, procurasse enganar os guardas para chegar ao avião.

A mãe e ela foram as primeiras pessoas a sairem do avião. O pai correu imediatamente ao encontro delas, chamando pelo nome da filha. Estava muito melhor em relação à imagem que levaram dele quando tinha partido para a América.

— Agora que tu e a mãe voltaram, eu sinto-me como um rei, dizia-lhes ao atravessarem o aeroporto a caminho de casa.

Ele ouviu com interesse falarem sobre as maravilhas de Nova Iorque e sobre o novo filme «Teresa». Riu-se quando a filha lhe contou como aprendia as suas intervenções quase como um periquito, pois não sabia muito mais do que as frases que dizia em cena. Quis escutá-la no seu «americano» que, não obstante toda a sua boa vontade, não dominava suficientemente bem. A única coisa que Pier lhe ocultou, foi a magnífica oferta que tinha recebido da M. G. M. para assinar um contrato com aqueles estúdios, ainda que várias vezes t e n t a s s e sugeri-lo quando encontrava qualquer oportunidade.

«Diz-me», dizia ele entre sorrisos e conversas, pondo-se sùbitamente grave e fitando-a ansiosamente, «diz-me, se este filme tiver êxito, tu voltas?»

«Que disparate, pai», respondia ela. «O meu próximo filme será feito aqui em Roma e o pai poderá estar todos os dias comigo».

Passaram quinze maravilhosos dias juntos, dias cheios de gargalhadas e brincadeiras em família. O pai mostrava-se inusitadamente alegre, feliz até quando uma noite todos foram jantar com os tios. Durante toda a refeição ele riu e brincou, chegando a pedir que a filha mostrasse como falava aquilo a que ela chamava «americano». Mas sùbitamente, no fim do jantar, alguma coisa começou a correr mal. O pai pôs a cabeça entre



O trabalho nos estúdios torna-se fatigante por vezes. Nesta imagem, o rosto de Pier Angeli reflecte com iniludível clareza que o cinema não é um mar de rosas. O caracterizador, a cabeleireira, o realizador, são alguns dos espinhos da profissão.

as mãos e começou a queixar-se de dores de cabeça.

«Não compreendo porque me dói a cabeça», repetia constantemente.

Sairam imediatamente. Vendo depois que o pai estava muito doente, chamaram o médico. Toda a noite permaneceu no quarto. Dormiu um pouco e, quando acordava o seu sorriso significava que a presença delas junto de si, o tranquilizava. Cerca da meia-noite despertou e disse à filha para abrir uma pasta de desenhos que se encontrava na secretária e trouxesse o que estivesse dentro. Era um enorme livro de recortes. Em cada folha, tinha colocado uma fotografia, uma revista ou um artigo de jornal que tivesse aparecido sobre ela. Dentro uma dedicatória — «Para Anabella, do pai mais orgulhoso do Mundo».

Ela sentia-se tão emocionada que não pôde dizer mais nada senão: «Obrigada, paizinho».

Pouco depois adormeceu de novo. Então pegou-lhe na mão e ali depositou o anel que ele sempre tinha usado no dedo mínimo. Próximo da manhã morreu.

Durante muito tempo ela não teve coragem para fazer coisa alguma e muitas vezes, quando se sentia angustiada, ou necessitava de amparo, ouvia a voz do pai. «Anabella, trabalha muito, muito bem». Não pensava em mais nada. O pai vivera para o seu dia-a-dia e ela, dia-a-dia pensava nele.

Agora que lhe cabiam todas as responsabilidades, a mãe encarou de frente as consequências da morte do pai. Pouco tempo depois voaram todos para Hollywood, a mãe, Marisa e a sua irmãzinha Patrícia.

Os primeiros meses em Hollywood foram particularmente difíceis. Sua mãe não compreendia o procedimento dos jovens americanos, ainda que a filha nada decidisse em qualquer momento sem a consultar. Mas cedo descobriu que a palavra «dama de companhia» equivalia para um jovem americano à palavra «foge» para um gato.

Felizmente o trabalho trazia-a muito ocupada. Entretanto, as primeiras imagens do seu novo filme, não seriam rodadas em Hollywood. Teria de andar de um lado para o outro desde o Atlântico até à cidade de Nova Iorque.

Um desses compromissos foi na Alemanha, onde rodou um filme intitulado «Homem, mulher e diabo» contracenando com Gene Kelly. Nessa estadia aconteceu algo que viria a modificar toda a sua vida.

Um jovem cantor chamado Vic Damone encontrava-se na Alemanha com as forças dos Estados-Unidos ali estacionadas. Uma noite ele procurou-a no hotel, apresentou-se a si próprio e convidou-a a acompanhá-lo numa apresentação que ele iria fazer perante grande número de soldados. Pier Angeli estava muito cansada, mas correspondeu ao convite apesar de tudo. Nessa noite, ele levou-a e a sua mãe até a um enorme descampado onde os americanos estavam estacionados. Depois, subiu para um estrado e cantou algumas canções. Para terminar, ele convidou-a a acompanhá-lo. Ela subiu ao palco com ele enquanto muitos gritos e assobios a saudavam. Vic compreendeu que ela estava emocionada e então envolveu-a nos seus braços e cantou «September Song».

Logo que, pouco tempo depois, terminou o filme que tinha vindo fazer à Alemanha, Pier regressou a Hollywood, enquanto Vic continuava com o Exército.

Mal sabia ela que dentro de dois anos passaria a ser a senhora Damone — a mulher mais feliz do Mundo inteiro.

✻

Regressada a Hollywood novamente, ela tinha en-



Parece um retrato de Pier Angeli, não é verdade? Trata-se, porém, da sua irmã gémea, Marisa Pavan, que apareceu entre nós nos filmes «A Rosa Tatuada» e «Diana de França».

O grande e único amor de PIER ANGELI

Pier Angeli escreveu nas suas memórias, recentemente publicadas numa revista italiana, que conheceu apenas em toda a sua vida um grande e único amor: Vic Damone. Embora esta afirmação possa suscitar dúvidas aos cépticos, torna-se inegável, porém, o facto de Pier jamais ter conhecido uma felicidade tão completa como a que actualmente desfruta ao lado de seu marido. Na imagem da direita, o jovem casal exibe dois sorrisos que reflectem a sua exuberante alegria de viver. Em baixo, vêmo-los num momento de descanso no lar, entretidos a jogar ao xadrez.







No seu primeiro filme, «Amanhã será tarde», Anna Maria Pierangeli revelou tão extraordinária sensibilidade que Vittorio de Sica profetizou desde logo uma carreira de grandes sucessos à nóvel actriz. Assim aconteceu, de facto. A própria Hollywood ficou conquistada pelo encanto surpreendente da jovem «vedeta», encanto que se poderia talvez definir, ainda que pareça um paradoxo, como o «sex-appeal» da inocência.

tão muito pouco tempo para pensar em Vic, ou no trabalho que realizara na Alemanha. Todo o tempo que tinha disponível empregava-o no arranjo da nova casa em Suntes Boulevard, que teria de ficar pronta antes de regressar à Europa. Nessa ocasião iria aparecer em «Conflito de Paixões», com Lana Thurner e Carlos Thompson.

Ela e a mãe deixaram Hollywood em Maio. Algumas cenas da película tinham de ser filmadas nos estúdios da M. G. M. de Borebam Wood, fora de Londres. No dia 18 de Junho tomou uma importante decisão. O produtor do filme Joe Pasternak encontrava-se no «set». Apelando para toda a sua coragem ela foi ter com ele.

«Acha que poderia ser dispensada de trabalhar amanhã?», perguntou ela ruborizando-se por pedir um favor.

«Por quê?» perguntou o sr. Pasternak, mostrando-se surpreendido. «Sente-se doente?»

«Oh, não», gaguejou ela. «Mas o dia de amanhã é um dia muito importante para mim — é o dia do meu aniversário. Exactamente o meu vigéssimo-primeiro aniversário».

O sr. Pasternak ficou muito sério e coçou a cabeça.

«Lamento muito, Pier», disse ele. «Mas perder um dia nesta altura é impossível».

Nessa noite, ela teve pena de si própria. Juntamente com a mãe jantou no



Após o casamento, a maternidade completou a felicidade de Pier Angeli. Ei-la a sorrir ao lado do pequenito Perry Rocco Luigi, nascido a 21 de Agosto de 1955.



A senhora Enrice Pier Angeli e as suas filhas actrizes Marisa Pavan e Pier Angeli, felicitam a filha mais nova, Patrizia, depois da sua primeira comunhão.

A FAMÍLIA PIER ANGELI

Os italianos têm oferecido constantemente ao mundo, pelo menos no campo cinematográfico, sérias manifestações da sua vitalidade e do seu espírito de iniciativa.

Uma parte considerável da renovação do espectáculo cinematográfico operada no após-guerra, deve-se sem dúvida aos mestres italiano do neo-realismo. E até as vedetas italianas, como Gina, Sofia e as duas Silvanas impuseram às suas colegas americanas sérias preocupações, originadas por um declínio de popularidade que poderia ter consequências fatais.

A Itália, tem até dado lições à América fora do campo do cinema. A família Pier Angeli que hoje vive no novo Continente constitui também uma lição de unidade, perseverança e lealdade para os milhares de lares desavindos que pululam nas terras americanas. Apesar das horas difíceis que todos os seus membros atravessaram após a morte do pai, a família Pier Angeli soube vencer o desânimo e não se amedrontou com o facto de não haver no seu seio um único homem. Hoje, a felicidade sorri aos Pier Angeli, mas apenas como recompensa justa do muito que sofreram e lutaram.

seu quarto no Savoy e foi cedo para a cama convencida que ninguém tinha compreendido a importância do facto de completar vinte e um anos

Ainda não tinha aprendido, apesar de já ter três anos de actividade na indústria cinematográfica, que o comércio não podia admitir essas coisas do coração nem os mais generosos sentimentos.

Quando na manhã seguinte chegou ao estúdio pôde ler no espelho as palavras «Parabéns, Pear. Nós gostamos muito de ti». Próxima desta mensagem estava uma caricatura desenhada com baton. No palco estavam todos muito agitados. Quando ela apareceu, uma orquestra atacou o «Happy Birthday» e Lana Turner pôs-lhe nos braços um enorme ramo de rosas vermelhas. De Carlos Thompson recebeu um livro de gravuras, e uma medalha para a sua pulseira do produtor Pasternak e do realizador Richard Brooks. Também muitos beijos — de todos. Foi realmente um dia maravilhoso que nunca mais pôde esquecer.

Agora que ela era oficialmente uma jovem senhora, precisava de vestir-se ainda com mais cuidado. Ainda hoje, Pier lembra-se muito bem que o vestido de noite era branco e prateado, o cabelo puxado para cima e adornado com uma flor como uma nota adicional de sedução, anunciando a graça de ter chegado aos vinte e um anos.

Ela e a mãe tinham-se preparado para dar uma volta à cidade, mas regressariam cedo por causa do trabalho no dia seguinte. Exactamente à saída, a mãe pegou-lhe na mão e depois de lha apertar, deixou dentro qualquer coisa. Pier olhou imediatamente. Era a chave do quarto do hotel. Ela tinha vinte e um anos, idade suficiente para não depender de ninguém, tomar conta de si própria e trazer a sua própria chave. Durante a noite inteira achou que esse era o acontecimento mais importante que a atingira, um testemunho e uma prova indiscutível de que ela, Anna Maria Pier Angeli, tinha vinte e um anos de idade!

Logo que «Conflito de Paixões» foi dado por terminado, tomou um avião de jacto para Ischia onde a sua família tinha arranjado uma herdade.

Depois de algumas semanas de férias de novo partiu — e desta vez sòzinha — para aparecer em «Mam'zelle Nitouche», rodado em Paris.

Ela nunca tinha estado antes em Paris. Podia andar agora durante cinco dias sòzinha, sem Marisa, Patrícia e a mãe junto dela. Sentia-se tão feliz por colocar a sua própria assinatura nos registos oficiais sòzinha pela primeira vez e tudo aquilo acontecendo numa das mais maravilhosas cidades do Mundo!...

«Mam'zelle Nitouch» não foi um filme fácil para ela. Desde a sua rebelião contra o francês na escola, ela não voltara a ter contacto com a língua. Isso obrigou-a a dedicar cinco horas diàriamente à leitura dos diálogos no gravador de fio, para alcançar com muito esforço pronúncia correcta



O segundo filme de Pier Angeli intitulou-se «Homem, mulher e diabo» (The devil makes three) e a seu lado trabalhou Gene Kelly.



Em «O Milagre do Quadro», Pier manteve como característica da sua personalidade o «sex-appeal» da inocência, ao lado de Stewart Granger.



O «sketch» do circo em «A história de três amores» mostrou-nos Pier Angeli numa das suas mais convincentes actuações. Afirmou-se, então, que Kirk Douglas contribuíra decisivamente para o amadurecimento das qualidades histriónicas da sua «partenaire».

No estúdio, o trabalho iniciava-se às dez da manhã e findava muitas vezes depois das dez da noite.

Apesar de tudo, nas voltas que dava em Paris ela visitou as elegantes lojas dos Campos Elíseos e comprou os vestidos com que sonhava, depois dos seus vinte e um anos.

O tempo passava ràpidamente. Bem depressa o Natal chegou. Ela passou um tempo maravilhoso nessa fantástica cidade.

A verdadeira alegria entretanto, chegou com o seu regresso a Hollywood. Quando a tinha deixado, seis meses antes, via em cada americana uma eterna menina com saias, amplos bordados, rabo de cavalo, monótonas em tudo. Ela pretendia um regresso espectacular.

Essa oportunidade teve-a na manhã seguinte. Decidiu entrar no estúdio principal ao meio-dia, quando sabia que o mesmo estaria repleto. Para esse momento importante escolheu uma capa de leopardo com chapéu igual. Pôs os cabelos soltos para as costas e pulseiras e brincos de ouro completavam a «toilette». Ela exibiu-se até à hora de jantar precisamente. As pessoas olhavam-na mas não a reconheciam. Foi Jane Powell quem finalmente correndo para ela a identificou.

«Olha a Pier Angelli... És tu! Como crescestes tanto...» Naquela altura ela pensou que aquelas eram as palavras mais lindas que até então tinha escutado.

O seu primeiro compromisso a seguir ao regresso a Hollywood vinda de Paris foi «O Cálice de Prata», que ela fez como cedida à Warner Brothers. O tempo passou depressa e agora estava no ano de 1954, destinado a ser o mais importante na sua vida.

Nesse intervalo, Vic tinha sido tinha sido licenceado pelo Exército e encontrava-se também em Hollywood. Era um visitante habitual da sua casa, mas ocasional e não assíduo. Eles recordavam algumas vezes a camaradagem iniciada na Alemanha e ambos saíam com outras pessoas.

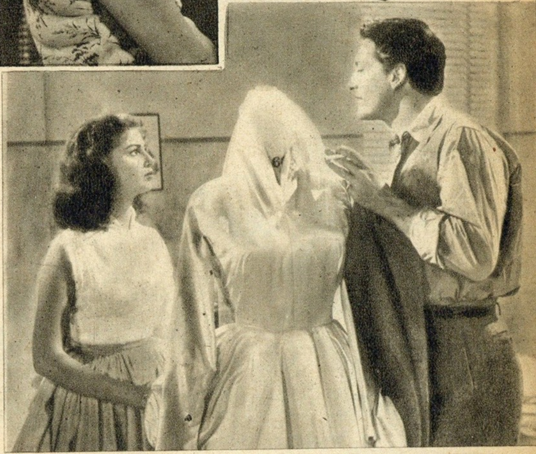
Então trabalhava Vic no filme musical da MGM «Hit the Deck», quando ela decidiu visitá-lo no trabalho. Este terminado, ele convidou-a para jantar num pequeno restaurante perto da avenida junto do estúdio. Ela acedeu. Nenhum sabe exactamente como nem porquê, mas de súbito ambos compreenderam que se amavam. E quando Vic colocou uma moeda na caixa de música e soou a «Serenata Song», ela parecia que flutuava junto deles.



«Sombrero» levou Pier Angeli até às paisagens mexicanas, onde a sua beleza adquiriu o tom perturbador dos frutos sazonados.



O único filme de Pier Angeli desconhecido pelo público português intitula-se «Conflito de Paixões» (The Flame and the flesh). A censura não autorizou, até à data, a sua exibição entre nós devido à violência do tema. Eis duas imagens do filme: a de baixo mostra-nos Pier com o galã argentino Carlos Thompson, e a da esquerda com Lana Turner.



Às sete e trinta dessa tarde ela estava oficialmente comprometida. Dois meses mais tarde, a 24 de Novembro de 1954 eles casavam-na igreja de St. Timothy em Los Angeles.

Eles sabiam desde o início que tinha sido um casamento perfeito. Três anos depois, a sua felicidade estava consolidada. Os que auguravam um breve divórcio estavam enganados porque foram três anos em que não houve a mais pequena nuvem a ensombrar a sua felicidade.

A primeira viagem que fizeram juntos foi até Las Vegas, onde Vic obteve um contrato para cantar no Lands Hotel. Foram uns dias muito felizes naquele maravilhoso cenário cheio de luzes na noite.

Tinham consultado o médico e este declarara que Pier estava provàvelmente grávida Vic insistia para que ela regressasse a Hollywood, mas inùtilmente. Até que chegou o Natal. Então, Pier abandonou Las Vegas de manhã a caminho de Nova Iorque, tencionando regressar ainda essa noite a tempo de surpreender Vic na sua segunda apresentação. O projecto falhou entretanto, porque só pôde regressar às nove horas do dia seguinte. Vic estava no aéroporto à sua espera. Ela contou--lhe então que o médico não se sentia habilitado a dar-lhes a certeza que o bebé estava a caminho, ainda que admitisse que tivesse grandes probabilida-

des. Quando as suspeitas se confirmaram algumas semanas depois, tanto Vic como sentiriam-se as pessoas mais felizes do Mundo.



O seu programa para Fevereiro estava feito. Vic dirigiu-se para Chicago a cumprir outro contrato, e depois ainda iria aparecer em Milwankee. Logo que o médico a aconselhou a partir, a mãe e ela ocuparam a casa de Palm Springs, onde tinham decidido passar as férias durante a ausência de Vic.

Tudo se passou como num pesadelo. Ela receava dar uma queda, ter uma dor, e temia, até, que Vic e a mãe não estivessem junto dela. Foram momentos em que os seus antigos temores, torturando-a dolorosamente, confundindo-a, voltaram à superfície. Pensava que, se tinha dores, talvez fossem um perigo para a criança. Passava o tempo a fazer perguntas sobre o seu estado, e todos estavam constantemente assustados.

Finalmente, quando achou forças, ela pôs o problema ao médico:

— Quero saber a verdade — suplicou. — Por favor, estou preparada para isso. Aflijo-me e desanimo se não a sei. Peço-lhe para não me tratar como uma criança.

A resposta dele não foi confiante.

— Não sei — disse. — Será necessário algum tempo, antes de podermos dizer qualquer coisa de positivo. Até lá você é a única pessoa que tem que se ajudar a si própria. Deverá repousar absolutamente calma, evitar desgostos ou nervosismo. Agora o mais importante é controlar-se emocionalmente».

Daí em diante ela controlou-se a si própria com firmeza e começou a orar à sua santa preferida, Santa Teresa. Vic adquiriu para ela uma estátua adorável dessa santa para pôr na cabeceira do seu quarto e juntos puderam atravessar confiantes aqueles terríveis e tristes dias e noites.

Algum tempo depois o médico levou-lhe algum encorajamento, dizendo que tudo parecia ir correndo bem. Mas isso não bastava para Pier, era preciso saber tudo.

«Ainda não o posso dizer», disse ele solenemente. «Teremos que esperar pelo menos uma três semanas».

Naquelas seis semanas ela adquiriu um grande ensinamento. Embora tivesse sempre fé, não tinha compreendido o seu verdadeiro valor, a importância de orar e confiar em Deus. Tinha sempre achado fácil falar com Ele, mas nunca tão fàcilmente como durante esses dias cheios de apreensões.

Quanto mais falava, menos apreensiva ficava. Falava também com o pai, recordando todo o tempo que estivera no hospital — e ele respondia-lhe, não com palavras mas numa espécie de tranquilidade e paz de espírito que se apossava dela. Imediatamente ela deixou de recear pelo seu filho e os



meses a seguir foram dedicados ao estreitamento do seu amor que se tornou mais firme e consciente do que nunca.

★

Embora os dias mais parecessem meses, cada um trazia de novo mais força de vontade. O desaparecimento da ansiedade contínua ajudou-a a recuperar-se mais ràpidamente que o médico esperava. Uma bela manhã ele chegou ao seu quarto com a assustadora e feliz notícia que tinha chegado o momento de abandonar a casa e seguir de ambulância para Palm Springs.



«Um beijo selou a promessa de noivado...». Em «Mam'zelle Nitouche», Pier Angeli contracenou com François Guérin e Fernandel. Foi o segundo e último filme europeu da encantadora «vedeta».

A energia de Pier tinha voltado. Só alguns pensamentos mais negros teimavam ainda em se apossarem dela.. Tinha a certeza que a Vic isso também acontecia, mas nunca tinham falado no assunto um ao outro.

Ela estava num quarto enorme onde havia um telefone privativo, televisão e tudo quanto era necessário. Então todos os seus pensamentos se dirigiam para a decoração da sua nova casa, passando os dias na tarefa de idealizar desenhos e cores. Quando Vic voltava à noite, examinava com interesse esses projectos, e estava sempre de acordo com ela.

Durante um período de cerca de seis meses e meio, as coisas correram sempre suavemente para Pier. Nunca teve o mínimo indício de perturbações. Ia feliz para a cama para mais uma noite tranquila. Uma madrugada, porém, colhida pelas dores, foi levada para o hospital.

Ao meio dia do dia seguinte ela despertou com o médico a seu lado.

«Tivemos sorte, uma grande sorte» disse ele. «Mas durante os próximos três dias tem que observar a mais absoluta imobilidade. Não pode receber visitas, nem mesmo de Vic ou de sua mãe».

«Eu preciso de ver Vic nem que seja só um minuto», suplicou ela.

Ele abanou a cabeça e ela aceitou esse veredicto como ela não o teria feito alguns meses antes. Tornou-se necessário dormir durante três dias completos, dos quais hoje ela não se lembra absolutamente nada. Na manhã do quarto dia quando abriu os olhos, foi como se conhecesse um mundo diferente. As dores tinham desaparecido, o médico estava sorridente. As crises tinham passado.

Dois meses depois, a 18 de Agosto, Vic e ela seguiram para sua nova casa. Foi um acontecimento verdadeiramente excitante. Vic «empacotou-a» dentro do carro e conduziu-a com pouca velocidade pela estrada serpenteada que levava ao edifício branco de aspecto colonial de Bel-Air. O mais belo sonho que ela e Vic idealizavam tinha-se realizado. Ela podia estar na sua própria casa quando a criança chegasse.

Cuidadosamente Vic retirou-a do carro e transportou-a para casa. Ela fechou os olhos quando penetraram no «living-room», recordando como o tinha decorado. Azul-acinzentado as paredes com delicados móveis escolhidos na Itália e sofás estofados com chita estampada de Veneza. Ao redor de toda a casa, candeeiros de vidro veneziano representando a figura de Pulcinello que Pier tinha trazido da Europa.

Depois foram para a sala-de-jantar, onde em todas as paredes havia gravuras de Veneza e sofás como ela jamais tinha pensado poder haver. E especialmente quadros com a cidade de Los Angeles, nos quais o azul das montanhas se confundia com o azul do oceano.

O quarto do bebé era coberto de papel com um desenho representando três pequenos anjos juntos com guarda-chuvas, um amarelo, outro cor-de-rosa e um terceiro azulado. O tapete macio e cor-de-rosa combinava com o rosa da mobília, tudo iluminado pelo candeeiro recebido na estadia em Palm Spring.

O escritório de Vic, possuía uma mobília de madeira castanha-clara



O anjo da inocência converteu-se em mulher fatal. «Port Afrique» revelou-nos ainda Pier Angeli como cantora de grandes méritos. Phil Carey desempenhou o papel de galã.



com leves tonalidades verdes na secretária e nas cadeiras. Numa estante os seus livros e discos preferidos.

O quarto, última paragem, era um encanto como ela nunca tinha sonhado. Quase todas as paredes estavam cobertas por panos finos de seda do Japão com flores do gelo azuis com tonalidades verdes. A cama estava coberta com uma graciosa colcha cor-de-laranja.

Ela sentiu-se a rapariga mais feliz, por poder aninhar-se na macieza daquele quarto.

A data da chegada da criança aproximava-se progressivamente, e Vic ficava cada hora que passava mais excitado e nervoso.

No entardecer de 21 de Agosto, ela e Vic convidaram Charlotte, a nurse principal do médico, para jantar com eles. Antes do jantar elas sentaram-se no pátio, enervadas e gozando a paisagem. Quando chegou a hora de jantar, ela verificou que as suas pernas se recusavam a marchar.

«É melhor o doutor vir vê-la», observou Charlotte.

«Que disparate», respondeu ela, «isto

Os filmes bíblicos não tinham ainda explorado a candura e a inocência de Pier Angeli. «O Cálice de Prata» iniciou assim uma nova fase na carreira da actriz.



não passa de cãibras nas pernas. Já as tive antes».

Ignorando a observação, entretanto, Charlotte foi ao telefone e chamou o médico. Poucos minutos depois, Pier estava ao telefone.

«Está uma bela noite», disse o médico. «Porque não há-de Vic levá-la ao hospital, com todo o cuidado?»

Como um relâmpago, Vic preparou tudo e puseram-se a caminho.

Doze horas depois o bebé ainda não tinha chegado. Finalmente, Charlotte revelou-lhe que, visto a Natureza ter-se recusado a cooperar, o doutor tinha decidido uma cesariana. Esperando da parte dela algum receio, ele assegurou-lhe que aquele procedimento seria o melhor para o bebé como para ela.

«Mas você escolherá», disse ele. «Prefere dormir ou continuar acordada e ver o seu bebé?»

Aquela era uma escolha fácil de fazer. Depois daqueles difíceis meses, por que quereria ela adormecer? Por certo que estaria acordada para semelhante e tão importante acontecimento.

Como uma sentença mágica, ela aguardava a voz do médico. Por fim, ouviu-a:

— É um rapaz, e que rapaz! Ele é muito parecido com Vic.

Quando lho mostraram, a sua felicidade atingiu o ponto mais alto. Segundo a opinião de todos, era um bebé perfeitíssimo. Pier sentiu-se grata por terem sido atendidas por Deus todas as súplicas que ela tinha feito durante tão longos, enormes meses.

A recordação desse inesquecível dia é como um nevoeiro na sua memória. Quando Pier finalmente acordou para uma plena consciência, Vic estava junto dela. Não podia ter alegria maior para completar o seu belo sonho.

Eles tinham decidido muito tempo antes que, se fosse um rapaz, se chamaria Perry Rocco Luigi, Perry pelo irmão de Vic, Rocco pelo pai de Vic, e Luís pelo pai dela. A sua decisão manteve-se. Era um nome grande, mas o bebé era também suficientemente forte para poder com ele: pesava, então, oito libras e treze onças.

Em «Marcado pelo ódio» Pier voltou a encontrar-se com Paul Newman, seu parceiro em «O Cálice de Prata». Ao que parece, porém, nunca houve nada entre os dois. Pelo menos, as más-línguas não falaram...

Cada novo dia era um dia maravilhoso. Pier acordava com uma canção nos lábios: «o meu bebé é perfeito».

Perry Como telefonou de Nova Iorque para dizer a comoção que sentia pelo seu novo homónimo. Ele gostaria de ser o padrinho. A sua irmã, Marisa, seria a madrinha. E a sua mãe? A mais orgulhosa avó do Mundo!

Quando Perry e ela abandonaram o hospital e voltaram para casa, o seu primeiro visitante foi a sua irmã Patrícia. Ela trazia para Perry um pequeno chifre vermelho para pendurar no berço. Em Itália dá-se sempre aos recém-nascidos chifres vermelhos para dar felicidade e sorte.

Diàriamente, Vic pelo telefone punha a par os seus pais em Nova Iorque, sobre os progressos de Perry.

Um dia, Vic lembrou-se de querer que



o seu pai, mãe e irmão ouvissem a voz do seu neto e sobrinho, quando ele estivesse a chorar. Não teve que esperar muito para concretizar a ideia. Nessa noite em que Perry chorava pleno de inspiração, Vic chamou Nova Iorque, esquecendo-se totalmente da diferença de tempo entre Nova Iorque e Los Angeles. De modo que seus pais foram acordados no meio do sono, para ouvirem a voz do novo membro da família. Ficaram comovidos, apesar de tudo!

Quando Perry completou dois anos, parecia a sua mãe que vivia ainda um sonho inacreditável. Porque ele é um rapaz feliz e saudável, ela compreende melhor cada dia quanto é feliz em possuir Vic.

Em muitos aspectos, Perry parecia-se com o seu avô materno: não era um menino mimalho. Vic queria que o filho tivesse ao mesmo tempo a educação que ele tinha recebido de seus pais e ela dos seus. Ambos queriam ensinar-lhe a diferença entre o bem e o mal. Isso que será muito importante para ele, quando mais tarde tiver que entrar no mundo entregue a si próprio. E ensinarem-lhe também a ser correcto e apreciar as coisas belas da vida como a arte, a música e o teatro. Tudo que ele quiser ser mais tarde terá que o construir por si próprio. Mas seja o que for que ele escolha, a sua vida será mais bela se amar a arte.

O que lhe reserva o futuro, ninguém o pode saber. Ela agora tem uma tríplice carreira, que é a de mulher, mãe e actriz e espera poder cumprir os três sem conflitos durante longos anos.

★



Em «A Vindima Trágica» Pier contracena com Mel Ferrer. O filme constitui uma emotiva mensagem de amor e assinala mais uma brilhante interpretação da inegualável actriz.

A pergunta que fazem a Pier mais frequentemente depois do seu casamento e da vinda do pequeno Perry é:

«Se tivesse que escolher entre o seu casamento e a sua carreira, qual a sua escolha?

Pier responde apenas que se a sua carreira interferisse com a sua família e casamento, teria que discutir com Vic a decisão a tomar. Até hoje, esse problema nunca surgiu. Para Pier a vida surge passo a passo. Ela não sabe o que surgirá de futuro, mas está convencida de que, caso esse problema surgisse, eles procurá-lo-iam resolver em conjunto. Ela trabalhou ardorosamente para alcançar o sucesso. Sabe quanto lhe custaria abandonar a sua carreira. Sabe também, no entanto, que, se essa resolução for necessária, ela a tomará. Depois do seu casamento e do nascimento de Perry, ela interpretou duas películas: «Marcado pelo ódio», feito em Hollywood, e «A Vindima Trágica», feito em Paris. Nenhum deles levantou o problema.

Pier pensa que nunca poderia ter casado senão com um actor. Sòmente um actor compreende outro actor ou actriz, e sabe proferir a palavra que eles precisam. Muitas vezes depois de um dia no palco, sente o desejo de ficar sòzinha. Sucede o mesmo com Vic.

Juntos, a sua vida é verdadeiramente maravilhosa. Um dos seus maiores prazeres foi visitar a Itália no último ano. Foi a primeira viagem de Vic ao seu país. Que alegria foi apresentá-lo à sua família e servir-lhe de guia para os lugares históricos ou turísticos.

Se o seu trabalho o permitir, eles esperam poderem voltar em breve, talvez para fazerem um filme juntos. Se a MCM dispensar Pier e Vic estiver livre, gostariam de o poderem fazer. A sua própria vida oferece um argumento, uma história maravilhosa para um filme americano.

Para Pier, os filmes italianos são magníficos. Sente-se orgulhosa quando os filmes italianos correm em Hollywood, porque a maioria deles têm beleza e encerram uma mensagem inspirada. Esse é o caminho que ela pensa que o cinema devia seguir.

Pier nunca esquece a Itália e compra os seus vestidos a Antonelli; os seus sapatos muitas vezes vêm de Itália da Dal-Co. Desde que ela se encontra em Hollywood verificou que os sapatos ita-Hollywood, verificou que os sapatos italianos são muito populares na América.

É muito importante vestir bem em Hollywood e por isso as actrizes não podem desapontar os seus fans. Ela tem que estar sempre impecável, quer se encontre numa loja, numa reunião ou numa estreia. De manhã prefere usar saias e blusas. De tarde gosta de vestir vestidos leves e para a noite vestidos de cocktail.

O casal Vic Damone-Pier Angeli mantém as melhores relações de amizade com o casal Mel Ferrer-Audrey Hepburn. Durante as filmagens de «A Vindima Trágica», Mel e Pier trabalharam em íntima colaboração e ajuda mútua. Ei-los estudando os seus papéis num intervalo para descanso.



Ao fim de longa e torturante expectativa, o sorriso de Pier Angeli voltou a brilhar com a sua cativante graça. A objectiva surpreendeu-a quando beijava carinhosamente o seu filho Perry, seis semanas depois do nascimento.



A maquillage também é muito importante ainda que ela ache que há exagero no uso de cosméticos. Pessoalmente, usa uma «maquillage» muito ligeira na tela e muitas vezes nenhuma fora dela. Pensa que quando for mais idosa talvez tenha necessidade de se pintar mais, mas enquanto for jovem, deverá ser o mais natural possível. Considera que as raparigas só deviam usar uma ligeira «maquillage» e um toque de «bâton».

De qualquer modo, Pier não pretende dar conselhos, pois pensa que ninguém está em posição de dizer aos outros como eles se devem vestir ou empregar a sua vida, porque isso são problemas que só cada um deve resolver.

Mas, agora, voltemos ao princípio desta história. Pier confessa que, por vezes, lhe apetece gritar:

— Como é belo este mundo!

Tem um marido maravilhoso, saúde, uma criança feliz e considera-se a si própria feliz em todas as coisas da vida que são fundamentais. Nestas, não inclui ser-se rico em dinheiro. Pensa que não interessa muito ser rico monetàriamente, quando uma pessoa é feliz pelo amor, que é a verdadeira riqueza.

Vic e ela, sentem-se felizes quando têm tempo para brincar com o bebé, quando jogam uma partida de golfo ou lêem juntos. Eles também gostam de ouvir discos. Os seus gostos musicais são semelhantes. Ambos apreciam música lenta e baladas, assim como as que Vic canta. ostam também de escutar música clássica e têm todos os discos de Toscanini. O único género de música que Pier não aprecia é a de jazz, porque ela não a compreende. Mas as canções napolitanas são aquelas que eles mais apreciam.

Pier também se sente rica em felicidade quando se encontra na cozinha. Sabe fazer spaghetti, lasagna e veal scalofimi. No entanto, não pode comer o que cozinha, porque o cozinhar tira-lhe o apetite.



A maleabilidade do rosto de Pier representa ainda hoje um enigma para os que estudam os segredos de cinema. Esta expressão mostra-nos uma mulher amadurecida, mas, na intimidade, ela guarda ainda o fogoso temperamento juvenil que a tornou célebre.

Vic é também um magnífico cozinheiro que gosta muito de preparar excelentes pratos italianos. A mãe de Pier admite mesmo que Vic como cozinheiro deve ser dentro dos homens americanos o máximo da perfeição.

Tanto ela como Vic recordam constantemente essas «pequenas coisas» que tornam a vida tão maravilhosa e que podem ir desde uma flor ou um disco a um simples apontamento ou carta. Vic e Pier celebram o aniversário de casamento no dia 24 de cada mês. O casamento é realmente uma coisa maravilhosa e ela pensa que todas as raparigas deveriam casar para terem uma vida completa. A própria experiência de Pier levou-a a transformar-se numa autêntica mulher. Juntamente com Vic, ela gosta de falar ou ficar em silêncio, sempre completando-se um ao outro. Ambos são italianos e o espírito latino que lateja nas suas veias, leva-os a fazerem projectos, a entenderem-se também e a rirem-se das mais pequenas coisas da sua vida cotidiana.

Finalmente, Pier gosta de confessar que poderia ter escolhido uma profissão que mais a satisfizesse. Como actriz, ela tem de viver muitas outras vidas, mas no fundo a vida que mais aprecia é a sua verdadeira e própria vida.

Só nos dias maus, ela descobriu a beleza dos que o não são. Só perto do desespero, ela descobriu a força da oração e da Fé.

A vida tem sido boa para ela, que agradece a Deus todas as suas bênçãos. Porque do passado tirou um ensinamento, nada a faz recear do futuro.

Pier vive dentro da verdadeira força dada pela Fé e pela compreensão do Mundo.

ÁLBUM DOS ARTISTAS agradece ao Ex.mo Sr. BRUNO DA SILVEIRA, Dig.mo Chefe de Publicidade da M. G. M. em Portugal, as facilidades concedidas para a publicação desta biografia de Pier Angeli baseada no diário íntimo da famosa actriz



Nunca as palavras amor e felicidade encontraram tão perfeita justificação, como na vida do casal Vic Damone-Pier Angeli.

Quem é VIC DAMONE o marido de Pier Angeli

Atrás da personalidade do cantor de «charme» que é Vic Damone, oculta-se a existência aventurosa de Vito Farinola, filho de um electricista do bairro italiano de Brooklin e de uma professora de piano.

Segundo afirmam os biógrafos de Vic Damone, ele aprendeu a cantar antes mesmo de aprender a falar, pois tinha dois anos quando seu pai lhe ensinou uma cançoneta que ia enlouquecendo os vizinhos do prédio.

A carreira de Vito Farinola, porém, sòmente se iniciou, anos mais tarde, no intervalo de vários ofícios, alguns bastante ingratos, a que se dedicou.

Aos dez anos começou a ganhar o sustento de cada dia, como empregado de uma frutaria, que entregava as encomendas ao domicílio. Quatro anos depois, a vida melhorou um pouco para Vito Farinola, proporcionando-lhe trabalho como «boy» em vários teatros da Broadway e de Nova Iorque.

Assim nasceu a grande paixão de Vito pelo teatro e pelo cinema, cujos segredos ele assimilou com facilidade. Entretanto, começou a tomar lições de canto e arranjou um contrato de duas semanas num clube nocturno.

O novo «crooner» agradou em cheio, e assim a duração do seu contrato tornou-se elástica, até que o cinema o chamou a prestar provas. O produtor Joe Pasternack ficou de tal maneira entusiasmado com o novo cantor, que o contratou em seguida para parceiro de Jane Powell no filme «Rica, jovem e bonita», que se exibiu em Lisboa com acentuado sucesso.

A carreira de Vito Farinola ia prosseguir quando o Governo americano o convocou para o serviço militar, mandando-o depois para a Alemanha, onde, pela primeira vez, conheceu os olhos límpidos de Pier Angeli.

Terminado o serviço militar, Vic regressou a Hollywood para retomar a sua carreira. Não teve ocasião para voltar a ver Pier, e durante dois anos cada um viveu a sua própria vida.

Entretanto, Vic, ao saber do caso da sua ex-namorada com Kirk Douglas, decidiu abandonar Hollywood. Trabalhou como atracção no teatro «Paramount», de Nova Iorque, e gravou numerosos discos, que expandiram a sua voz pelo mundo inteiro. Depois, regressou à meca do cinema, onde interpretou, novamente com Jane Powell, «Marujos e Sereias» e «Athena».

Quando os jornais publicaram a notícia do casamento de Kirk Douglas, Vic telefonou a Pier Angeli, como se nada se tivesse passado e convidou-a para uma «soirée» de gala.

Depois, a 24 de Novembro de 1954, realizou-se o casamento.

No momento em que Pier apareceu com seu esposo na escadaria da igreja onde teve lugar a cerimónia, ouviu-se o roncar de uma motocicleta que partia a toda a velocidade: era James Dean que batia em retirada.

Pier Angeli e Vic Damone constituem hoje, sem dúvida, um casal invulgarmente feliz, a que não falta uma encantadora criança — Perry Rocco Luigi — que os amigos de família chamam «O vivo retrato do pai».



Sedutora em «O Cálice de Prata»



Revoltada em «Marcado pelo ódio»



Amorosa e terna em «Vindima Trágica»

5 EXPRESSÕES

De uma grande actriz

Receosa e tímida em «A história de 3 amores»



Inocente e pura em «Amanhã será tarde»





Perfil de Pier Angeli

Pier Angeli tem um rosto misto de anjo e de diabinho: um cruzamento de ingenuidade com sofisticação. Ela é uma das jovens mais bonitas do mundo e, apesar de ser tão jovem, tem esse complexo de coisas que constituem o «glamour». Tal como no caso de Marilyn Monroe, é quase impossível encontrar um mau retrato dela. O seu perfil lembra, embora seja mais perfeito, o da rainha egípcia Nefertiti, já que o nariz bem modelado prolonga, numa linha quase contínua, a linha da testa. Os olhos são grandes, impecàvelmente rasgados e cheios de expressão: límpidos lagos de pureza. Seu rosto muda um pouco de forma quando sorri e quando fica séria.

Mais de uma dezena de homens amaram Pier Angeli. Uns com ternura, outros com uma espécie de frenesim apaixonado, o que não causa espanto, porque ela possui o dom de se transformar com a facilidade de uma actriz, mostrando-se ora ingénua e infantil, ora maliciosa e provocante.

O QUE SE DISSE E O QUE SE ESCREVEU SOBRE

"A SONSA MAIS SIMPÁTICA DE HOLLYWOOD"

A carreira de Pier Angeli venceu sempre todos os obstáculos pela honestidade do seu comportamento e pelo brilho de pureza dos seus lindos olhos verdes. Ela não evitou, porém, ser alcunhada como «a sonsa mais simpática de Hollywood».

Atribuíram-lhe, equivocamente ou não, vários casos sentimentais, a maior parte pouco duradoiros. O primeiro caso teve lugar logo que Pier chegou a Hollywood. Contava, então, dezoito anos e a sua experiência como actriz cinematográfica resumia-se ao papel que desempenhara em «Amanhã será tarde». Era uma rapariguinha extremamente nova e débil, absolutamente inocente, a quem a mãe nunca abandonava.

Muitos não acreditavam no seu talento e teceram hipóteses mais ou menos malévolas quanto às razões do contrato que a Metro lhe oferecera. Assim, apareceram na imprensa insinuações sobre um possível caso de amor entre Pier Angeli e Arthur Lowe Júnior, o filho do magnate da Metro, que a conhecera em Roma.

Estas insinuações resultaram efémeras. O segundo caso, porém, não tardou a irromper nas colunas dos jornais e reunia, de uma assentada, três apaixonados. Rodava-se, então, o filme «Teresa» e, como não podia deixar de ser, os implicados trabalhavam com Pier. Apontaram-se até os nomes completos das vítimas do encanto que ela irradiava: Fred Zinnemann, o realizador; Etewart Stearn, o encenador; e John Ericson, o principal intérprete masculino.

Logo que o filme ficou pronto, nunca mais se falou em tais paixonetas. A série recomeçou pouco depois quando Pier travou novos conhecimentos nos filmes que se seguiram por imposição de contrato.

Apontaram-lhe novos romances, mas ela não se apercebia da perturbação que semeava à sua volta nos corações masculinos.

Disse-se, então, que Ricardo Montalban, o seu «partenaire» em «Sombrero», lhe jurou amor eterno, e que John Barrymore Jr. lhe ofereceu (suprema homenagem!) a última recordação material que conservava de seu pai: um pequeno, mas soberbo, cofre para caracterização.

Apesar de tudo, Pier Angeli não dava conta, ou não se interessava, pelos mexericos que circulavam em seu redor. Um dia, partiu inesperadamente para a Alemanha, onde filmara, tempos antes, «Homem, mulher e diabo».

Ocorreu durante a viagem à Alemanha algo que a imprensa, paradoxalmente, não relatou: o encontro de Pier Angeli com um jovem G. I., devotado apreciador de «sparghetti» e de romances italianos. Chamava-se Vic Damone, era de origem italiana e acabava de se estrear no cinema em «Rica, Jovem e Bonita», com Jane Powell e Danielle Darrieux. As obrigações de serviço militar mantinham-no na Alemanha. Ficou felicíssimo por encontrar Pier, não sòmente por ser uma camarada na plano profissional, mas ainda pelas suas afinidades de origem.

Para suavizar a nostalgia que ambos sentiam pelo país natal, ele interpretou, certa noite, algumas canções napolitanas que falavam de amor e de luar. Encontravam-se todos os dias, até que Vic desapareceu inesperadamente, sem deixar uma palavra de despedida para a sua amiga: fora desmobilizado e chamado de urgência à América, sem ter tempo para escrever a Pier.

Desgostosa, Pier Angeli regressou à América. Os jornais recomeçaram então a sua campanha de mexericos, quando souberam que ela tinha sido escolhida para «partenaire» de Kirk Douglas em «A história de três amores». Aquele gozava de uma dupla reputação, aliás plenamente merecida, de grande artista de cinema e de sedutor sem escrúpulos.

Kirk Douglas e Pier Angeli apareceram juntos muitas vezes em Hollywood, suscitando boatos desagradáveis. Ela era uma miúda e Kirk um homem várias vezes divorciado e pai de dois filhos.

Filmado na Europa, «A história de 3 amores» proporcionou diversas cenas de amor entre ambos, que alcançaram grande êxito devido ao realismo e à intensa emoção reflectida nas suas expressões.

Os jornais falaram com insistência de uma violenta atracção recíproca entre Pier e o seu «partenaire». E quando Kirk partiu um dia para Israel, a fim de participar em «O Malabarista», os comentários atingiram o escárnio. Disse-se que Anna Maria perdera o apetite e que deixara de sorrir.

A verdade é que a alegria de viver da revelação de «Amanhã será tarde» sòmente voltou três meses depois, quando chegou um telegrama de Tel-Aiv: «Chegarei amanhã Roma. Cumprimentos. Kirk».

Kirk Douglas não pudera, com efeito, suportar a separação ou a razão de ser do seu telegrama filiava-se apenas numa simples obrigação de amizade?

A idade de Pier Angeli oferecia uma grande diferença ao lado da de Kirk Douglas. Dezasseis anos não se esquecem com facilidade. De resto, o actor de «Ulisses» era divorciado e pai de família, além de pertencer a uma religião diferente.

Anna Maria suspirava ao ler os comentários que fervilhavam na imprensa. Até que um dia encontrou-se de novo com Vic Damore. Saíram juntos, cantaram, como na Alemanha, as melodias napolitanas que traziam nos seus corações, invadiram os restaurantes italianos de Hollywood, onde o «sparghetti» e o «ravioli» os convidavam a recordar a pátria distante.

Poucos dias bastaram para estabelecer entre ambos um clima de ternura, amizade e amor que propiciou, pouco depois, o casamento.

Desta vez a imprensa calou-se! Mas ainda hoje, chamam a Pier Angeli «a sonsa mais simpática de Hollywood».



Debruçados sobre o piano, Pier Angeli e seu filho Perry parecem tocar um hino à felicidade. Que seja longa e duradoira!

ALBUM DOS ARTISTAS

apresenta nos próximos números

12-JOHN WAYNE

13-AUDREY HEPBURN

14-KIRK DOUGLAS

15-LANA TURNER

16-JOSEPH COTTEN





N. 11

PREÇO 2$00

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.— LISBOA